

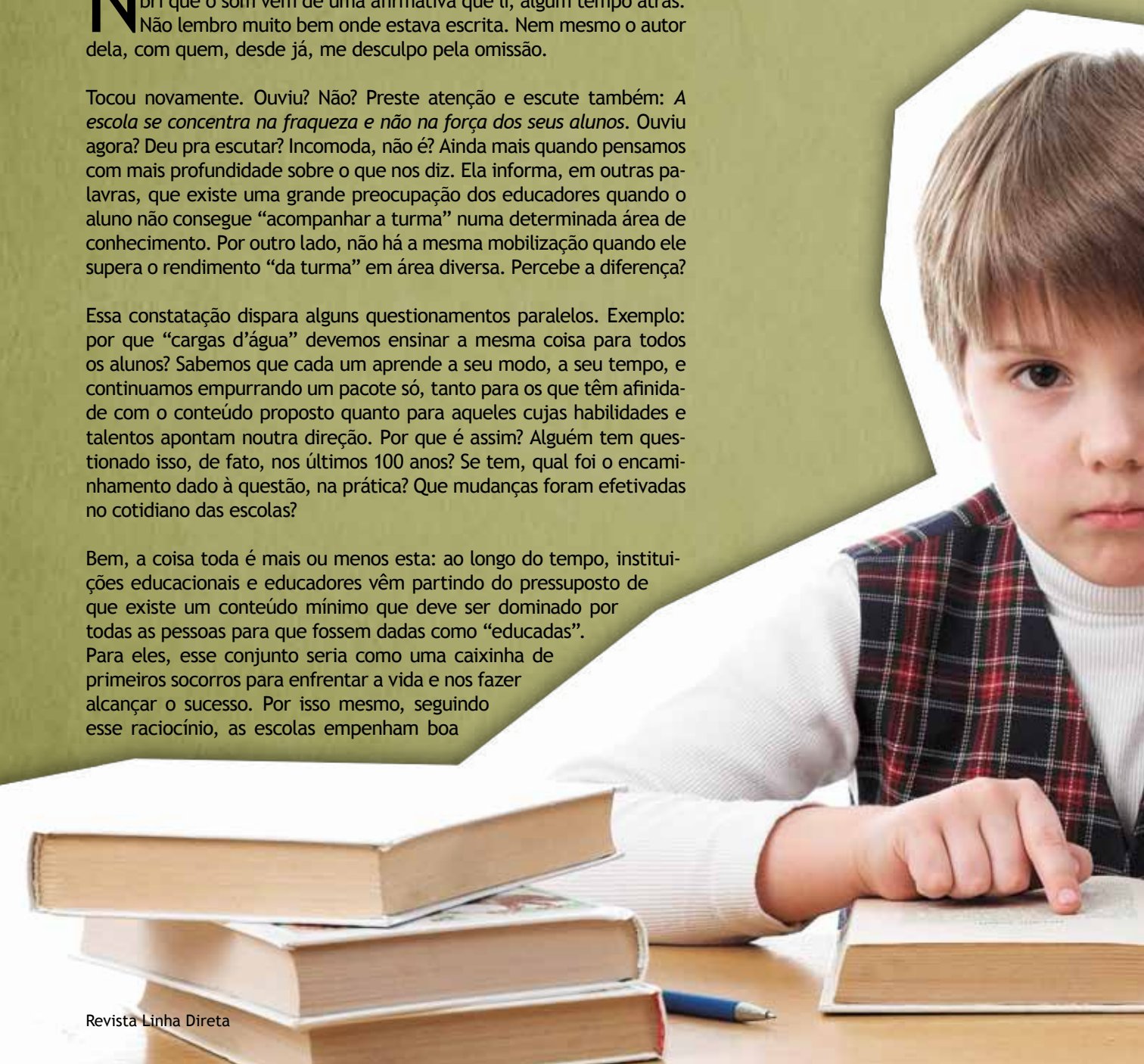
# Gisele Bündchen

**N**a minha cabeça, tem uma buzina que não para de tocar. Descobri que o som vem de uma afirmativa que li, algum tempo atrás. Não lembro muito bem onde estava escrita. Nem mesmo o autor dela, com quem, desde já, me desculpo pela omissão.

Tocou novamente. Ouviu? Não? Preste atenção e escute também: *A escola se concentra na fraqueza e não na força dos seus alunos.* Ouviu agora? Deu pra escutar? Incomoda, não é? Ainda mais quando pensamos com mais profundidade sobre o que nos diz. Ela informa, em outras palavras, que existe uma grande preocupação dos educadores quando o aluno não consegue “acompanhar a turma” numa determinada área de conhecimento. Por outro lado, não há a mesma mobilização quando ele supera o rendimento “da turma” em área diversa. Percebe a diferença?

Essa constatação dispara alguns questionamentos paralelos. Exemplo: por que “cargas d’água” devemos ensinar a mesma coisa para todos os alunos? Sabemos que cada um aprende a seu modo, a seu tempo, e continuamos empurrando um pacote só, tanto para os que têm afinidade com o conteúdo proposto quanto para aqueles cujas habilidades e talentos apontam noutra direção. Por que é assim? Alguém tem questionado isso, de fato, nos últimos 100 anos? Se tem, qual foi o encaminhamento dado à questão, na prática? Que mudanças foram efetivadas no cotidiano das escolas?

Bem, a coisa toda é mais ou menos esta: ao longo do tempo, instituições educacionais e educadores vêm partindo do pressuposto de que existe um conteúdo mínimo que deve ser dominado por todas as pessoas para que fossem dadas como “educadas”. Para eles, esse conjunto seria como uma caixinha de primeiros socorros para enfrentar a vida e nos fazer alcançar o sucesso. Por isso mesmo, seguindo esse raciocínio, as escolas empenham boa



# fugiu da escola



Marcelo Freitas\*

parte de sua energia em aulas de recuperação e outras artimanhas, de modo a garantir que o aluno não deixe nada para trás e possa melhorar aquilo no qual não é bom.

Os pais, por sua vez, induzidos por esse raciocínio, ao receberem o boletim, dirigem rapidamente o olhar para o campo “vermelho”. *Por que você perdeu média nessa matéria? Precisa estudar mais isso!* – é a ladainha que disparam sobre os filhos quando recebem as avaliações. Os ouvidos, entretanto, permanecem fechados aos argumentos do avaliado: *Não gosto de Matemática ou Ciências não é a minha praia. Ou Física, ou Química, ou seja lá o que for. E sempre tem aquele mais “atiradinho”, que mete logo o dedo na ferida: Para que eu tenho que entender de Química se quero ser músico? Chega de perguntas e vai estudar, menino!* No fundo, é isso mesmo, não sabemos a resposta.

Façamos um paralelo: imagine, caro leitor, uma equipe de futebol em que todos tivessem de se sobressair bem em todas as posições. Percebeu? Pense no tempo gasto tentando ensinar um Robinho a se posicionar dentro do gol para defender o pênalti. Ou as horas gastas para treinar o goleiro Júlio César, da seleção brasileira, a fazer gols de cabeça. Imagine só o tormento que seria treinar um Messi a jogar de zagueiro e marcar os adversários. Ao fazer isso, provavelmente, teríamos matado grande parte dos talentos que passeiam pelos estádios. Formaríamos um time medíocre, com certeza.

Em outras esferas, vale a mesma lógica: o que teria sido tolhido da humanidade se insistíssemos em “formar” alguns gênios dentro da camisa de forças de um aprendizado único? Pense no que seria ficar martelando a tabela periódica na cabeça de Gisele Bündchen. Ou massacrando Branson, o dono da Virgin e outras 200 empresas espalhadas por mais de 30 países do mundo, com aulas de botânica. Ou ainda submetendo Armando Ortega, con-



siderado hoje o homem mais rico da Espanha, dono da marca Zara, a resolver problemas de limite e derivada.

Assim como esses, vários outros alcançaram sucesso, concentrando-se nas suas forças, e não nas suas fraquezas. Como Bill Gates, da Microsoft, e Steve Jobs, CEO da Apple. Para isso, infelizmente, tiveram de abandonar a escola formal. Dos citados acima, quem mais a frequentou foi Branson. Ele a abandonou aos 16 anos. Gisele e Ortega, aos 14. E a lista é grande: Robert De Niro (aos 17); o diretor de cinema neozelandês, Peter Jackson (aos 20); a atriz Uma Thurman (aos 16); sua colega Catherine Zeta-Jones (aos 15); Gates e Jobs não se formaram e por aí vai...

contato com aquilo que lhe atrai a atenção, deixando o restante como um conteúdo apenas complementar à sua formação, visto somente na sua essência, numa menor carga horária! Será que medidas assim não reduziriam a nossa evasão escolar e manteriam os alunos interessados por mais tempo dentro da escola?

A educadora portuguesa Ariana Cosme partilha dessa visão. Segundo ela, que é doutora em Ciências da Educação e diretora de Educação Contínua da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, em Portugal, a escola precisa, ao invés de ensinar tudo a todos, trabalhar com as diferenças dos alunos na forma de aprender. Para ela, é um equívoco pensar que o sucesso

mato das nossas aulas. Ainda mais quando o assunto não nos causa o menor interesse e, com ele, não temos a menor afinidade.

Acredito que o reflexo da mudança de paradigmas seria sentido em vários níveis da sociedade e na própria dinâmica social. No campo empresarial, por exemplo, poderíamos experimentar a melhoria qualitativa de especialistas e pesquisadores, com a consequente elevação no número de registros de patentes. O mesmo aconteceria com os níveis de produtividade no trabalho. Novas invenções poderiam recheiar o comércio e a indústria. Modelos de negócios mais inovadores, concebidos a partir do talento de seus gestores, contribuiriam para tornar nossas empresas mais competitivas.

... a escola precisa, ao invés de ensinar tudo a todos, trabalhar com as diferenças dos alunos na forma de aprender.

Não estou afirmando que a educação formal não seja importante. Ela é, sem dúvida. A questão é que precisa ser repensada, principalmente por aqueles que a conduzem. Exemplo: Pense na situação inversa: se, ao invés de aproveitarmos o tempo despendido para aulas de reforço em conteúdos onde não existe aptidão do estudante, nós o utilizássemos para impulsionar o aprendizado onde ele demonstra sensibilidade e talento para aprender e se desenvolver. Imagine se pudéssemos agrupar os alunos em salas de aula de acordo com suas habilidades e competências, e não somente por idade ou critérios de aprovação como fazemos hoje. Como seria interessante, para o aluno, estar mais tempo em

de uns se mede pelo insucesso de outros. Assim como utilizar apostilas (ou laptops e outros recursos) iguais para todos. Em síntese, ela afirma que “o melhor da aprendizagem nem sempre é todos atingirem o máximo, é cada um atingir o máximo que pode”.

Surge daí uma outra questão: A indisciplina dentro das escolas, tão reclamada pelos educadores, não poderia ter nessa lógica atual uma de suas causas? Quanto mais desinteressantes as aulas, os temas e assuntos discutidos, maior a probabilidade de os alunos manterem-se dispersos. Para uma geração acostumada a lidar com múltiplas atividades simultaneamente, realmente deve ser “um saco” aguentar o for-

Tudo isso sem falar nas artes e esportes. Poderíamos presenciar a transformação das escolas em incubadoras de talentos na música, no teatro, artes plásticas e outros tantos campos de atividades, como a pesquisa, a ciência e a tecnologia. Trataríamos, desde cedo, de formar competências a partir das aptidões, e naquilo em que possam ser utilizadas com maior retorno e satisfação.

Trata-se de uma mudança de paradigmas. E isso sempre faz a buzina tocar mais alto. Se esse barulho também te incomoda, dê um jeito de fazê-lo diminuir. Que tal experimentar uma nova maneira de fazer as coisas? ■

\*Consultor da Linha Direta, diretor da Corporate Gestão Empresarial, coordenador-geral do Movimento Escola Responsável e consultor em Gestão Estratégica e Revitalização Institucional

marcelofreitas@yahoo.com